Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

CINEMA

As esquinas que fizeram o cinema em Porto Alegre

Joana Luna Camargo
joanac@jcrs.com.br

JOANA LUNA CAMARGO/ESPECIAL/JC



Espaços como o Capitólio recebem placas em ação que comemora os 130 anos da primeira sessão na Capital

A primeira sessão de cinema de Porto Alegre, em 5 de novembro de 1896, não assustou ninguém, segundo a historiadora Alice Dubina Trusz: o público já sabia pelos jornais sobre a novidade que passara por Portugal e pelo Rio de Janeiro. O que Francisco de Paola mostrou num salão da Rua da Praia, a ingressos que só uma parte da população podia pagar, era uma demonstração do que a ciência havia descoberto - filmes de cerca de um minuto, em que gente caminhava, ria e dançava, com destaque para a Dança Serpentina, coreografia associada à dançarina norte-americana Loïe Fuller. Paola, já conhecido na cidade como demonstrador de fonógrafos, chegou junto com o fotógrafo Georges Renouleau. Pouco mais de dez meses separavam aquela estreia da primeira sessão dos irmãos Lumière em Paris, em 28 de dezembro de 1895.

Cento e trinta anos depois, a data será lembrada nesta quinta-feira, às 19h, na Cinemateca Capitólio (Demétrio Ribeiro, 1.085), com o lançamento da iniciativa Cinemas do Centro Histórico, um mapeamento "cine-afetivo" das salas de calçada do Centro, realizado pela Coordenação de Cinema e Audiovisual da Secretaria Municipal de Cultura em parceria com a casa. A noite, gratuita, começa com a apresentação do projeto pela historiadora Alice e pelo jornalista Cristiano Zanella, que assinam a pesquisa, e segue com uma sessão de curtas inspirada na exibição de 1896 e *Sonho sem Fim* (1986), de Lauro Escorel. O longa, sobre o pioneiro Eduardo Abelim (1900-1984), foi rodado em Pelotas, tem Carlos Alberto Riccelli e Débora Bloch no elenco e há muito tempo não é exibido na Capital. O evento integra a mostra *A Invenção do Cinema*, com curadoria de Marcus Mello, em cartaz até 13 de novembro.



O mapeamento ganha forma em 20 placas azuis, a maioria fixada na última terça-feira nos locais onde existiram salas de cinema no Centro - em alguns imóveis, os responsáveis ainda não autorizaram a instalação. Cada placa traz o nome da sala, um resumo curto da sua história e um QR Code que leva a um PDF ilustrado com mais informações. A inspiração veio do Recife, onde a diretora da Cinemateca viu placas semelhantes em prédios que abrigaram salas de rua. O azul, explica Alice, é um padrão adotado também em Londres, onde as placas identificam endereços ligados à memória cultural da cidade. O circuito pode ser percorrido a pé, e os pesquisadores guiam visitas nos dias 7 e 21 de novembro, às 9h, com saída do Capitólio e inscrições pelo Instagram da instituição.

O conteúdo das placas vem de duas trajetórias de pesquisa. Zanella, autor do livro *The End - Cinemas de Calçada em Porto Alegre 1990/2005* (2006), estuda o tema há mais de 30 anos, desde que fotografava fachadas e guardava recortes de jornal para entender por que as salas de que mais gostava estavam fechadas. A historiadora, que trabalha com cinema desde o doutorado, em 2004, é especialista nos primeiros anos da exibição. A dupla somou esses trabalhos ao livro *Salas de Cinema Porto Alegrenses*, de Susana Gastal, e a jornais e fotografias de acervos públicos e privados para reconstituir a história de cada casa. O resultado são 20 pontos, não 20 cinemas: em alguns, sucederam-se até quatro salas, e o ponto leva o nome da mais recente ou mais conhecida.

Desde pelo menos 1860, a cidade ia aos teatros pagar ingresso e ficar no escuro para ver vistas fixas, os *slides* da lanterna mágica, em temporadas de ilusionistas e companhias de variedades; as de 1896 ganharam o nome de animadas porque, ao contrário daquelas, se mexiam.

Depois da passagem de Paola e Renouleau, exibidores itinerantes seguiram projetando filmes até 1908. Alguns anunciavam a projeção de uma passeata, por exemplo, e deixavam o filme para outro dia. "Muito se viu o cinema em Porto Alegre, embora não houvesse sala de cinema", diz Alice. Foi essa plateia, já habituada às sessões que, na leitura dela, permitiu às salas abrirem a partir de 1908, quando o cinema passou a ter endereço fixo, quase sempre na Rua da Praia.

Das salas que vieram depois, Zanella destaca duas. O Cacique era o gigante, com 2.200 lugares, confeitaria no segundo andar e recepção em mármore, e só em 1970 foi dividido, quando o mezanino virou o pequeno Scala. O Victoria, no edifício Vera Cruz, tinha perfil familiar, e o antigo gerente contou ao pesquisador que era comum chegar a 4,5 mil espectadores num dia, em cinco sessões. Nas manhãs de domingo, o Rex, aberto em 1936 nas Andradas, tinha sessão para as crianças e programa para os pais. Depois que a sala assinou com a Disney, entre o fim dos anos 1930 e os 1940, os pequenos passaram a ver desenhos, e os adultos, cinejornais educativos curtos. "O pai tinha que esperar as crianças e as crianças tinham que esperar os pais, fazer o quê?", brinca.

Até meados dos anos 1980, lembra Zanella, o Centro era um dos bairros mais valorizados, com comércio de alto padrão e os maiores cinemas. Com a chegada das salas aos shopping centers, veio a "quebradeira geral", entre 1992 e 1994: empresas que arrendavam cinemas em várias cidades fechavam três, quatro, cinco de uma vez. Alguns, como Capitólio, Continente-Lido, São João e Carlos Gomes, já operavam com filmes pornôs, e para os donos ficou mais interessante, segundo ele, demolir e vender para construtoras, abrir estacionamento ou alugar o espaço. O Imperial foi uma exceção: fechou só em 2005, depois de 74 anos, e foi o último cinema de calçada de Porto Alegre a cair. O local, diante da Praça da Alfândega, é, para o jornalista, talvez o ponto mais importante do circuito, porque ali funcionou antes o Recreio Ideal, que ele considera a primeira sala fixa da capital. "Foi a gênese e o apogeu, e o fim aconteceu ali", diz.

Em vários dos 20 locais, os edifícios seguem de pé, mas com outro uso: o Guarani preserva a fachada e abriga uma loja de cosméticos, e o Carlos Gomes é hoje as Lojas Pompéia. O Capitólio é o caso mais visível: restaurado, voltou a ser sala de cinema e funciona como centro de documentação e memória. Segundo Alice, o retorno da sala mudou a região, que ganhou comércio e serviços e atrai tanto jovens quanto moradores mais velhos que frequentaram o cinema na juventude. Sobre as salas que se foram, Zanella, que frequenta a região desde criança e diz encontrar ali os fantasmas dos antepassados, observa: "Não vejo com muita saudade porque tudo passa, o novo sempre vem e eu continuo frequentando essas malditas esquinas".